

COUTINHO, Mário Alves. *Escrever com a câmera: a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010. 288 p.

Com o enfraquecimento do pensamento conceitual, racional e histórico – característica predominante de nossa modernidade –, distanciamos-nos cada vez mais dos códigos lineares, como a escrita, e aproximamos-nos dos códigos bidimensionais, como as fotografias, os filmes e a TV. Isso porque, frutos das novas tecnologias, os códigos bidimensionais tornam-se, em nossa época, quase uma espécie de religião, que une indivíduos deslocados em um mundo fragmentado e à deriva. O que, segundo o semiólogo Roland Barthes, pode representar uma regressão atual da humanidade para o irracional, ou seja, para a infância, é, na verdade, um reflexo desse momento pós-histórico.

Nesse contexto de códigos bidimensionais, o ensaísta, tradutor e crítico de cinema e literatura Mário Alves Coutinho lança o livro *Escrever com a câmera: a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard*. Livro que se apresenta como uma importante referência sobre o projeto cinematográfico godardiano. Nele o ensaísta analisa a obra cinematográfica de Jean-Luc Godard buscando evidenciar como o cineasta, ao fazer cinema, desenvolveu, concomitantemente, uma literatura que explorou diversas possibilidades da linguagem, sem, contudo, abrir mão dos recursos cinematográficos. A análise é construída a partir de importantes teóricos utilizados para discutir conceitos literários presentes na obra cinematográfica de Godard.

Mário Coutinho parafraseia, assim, o projeto godardiano quando desenvolve uma pesquisa que discute teoria literária em um corpus “não-literário”: o cinema. Isso faz de seu livro, além de um lugar de encontro com a obra godardiana, uma fonte de pesquisa para estudantes da linguagem que buscam novos olhares sobre os “possíveis da linguagem”; e para professores ávidos por métodos que utilizem as novas tecnologias na transmissão de conhecimento.

O ensaísta parece vivenciar os dois anseios, pois, o livro divide-se, em cada capítulo, em dois momentos: um em que Coutinho define e discute a categoria literária que examina em determinado filme godardiano e o outro em que mostra como Jean-Luc Godard apropriou-se dessa categoria nesse filme. Essa é a dinâmica que norteia todo o livro: discutir primeiro os conceitos relacionados à literatura para, só então, relacioná-los com a obra de Godard. Mário Coutinho estrutura, no capítulo introdutório, a metodologia dessa dinâmica, ou seja, expõe o lugar e a tradição específica que influenciaram o projeto godardiano: a França de 1948-1968;

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. 229 - 231, jan.-jul., 2011. Recebido em 6 maio; aceito em 7 jun. 2011.

as categorias literárias escolhidas: a adaptação como tradução intersemiótica; a intertextualidade, a citação, o plágio e o dialogismo; a poesia e Arthur Rimbaud; e, segundo Coutinho, muito provavelmente, o ensaio; e o referencial teórico-crítico.

Assim, o livro *Escrever com a câmera: a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard* traz uma série de conceitos, como definições de literatura segundo Paul Valéry, Antoine Compagnon e Mallarmé, para poder apresentar as categorias literárias que serão examinadas ao longo do livro. A dinâmica de primeiro discutir para depois aproximar cinema e literatura é bem marcada nos capítulos em que Mário Coutinho investiga, no filme *Le mépris*, a adaptação como uma tradução intersemiótica no filme; em *Alphaville*, a intertextualidade, a citação, o plágio e o dialogismo; em *Pierrot le fou*, a poesia moderna; e em *Duas ou três coisas que eu sei dela*, o ensaio. Sendo esses os capítulos 2 – O desprezo (*Le mépris*), 3 - *Alphaville*, 4 – *Pierrot le fou* (O demônio das onze horas) e a conclusão, respectivamente.

Já no capítulo 1 – Flashbacks e flashforwards, o ensaísta parece utilizar-se da técnica da montagem, assim como Godard, para apresentar a estrutura cultural na qual Jean-Luc Godard é concebido, ou seja, na qual Godard inventa-se como cineasta. O objetivo desse capítulo é traçar a história do trajeto de Godard, do seu grupo e da tradição transdisciplinar dos escritores franceses. São apresentados, também, alguns conceitos de pensadores como Sartre, Astruc e Bazin sobre cinema e sua função social. Coutinho argumenta, ainda nesse capítulo, que a *Cahiers du Cinéma*, revista da qual Godard era membro, era uma revista diferente, pois “seu tema era o cinema, mas quase não citava os teóricos franceses mais importantes desta arte [...] As autoridades nas quais quase todos os redatores da revista se apoiavam eram, na sua maior parte, filósofos e romancistas” (2010, p. 52).

A condição de crítico de cinema e literatura permite a Mário Coutinho fugir do lugar comum, empreendendo uma análise que vai muito além de uma simples investigação da adaptação de um texto literário para o cinema. Em *O desprezo (Le mépris)*, Coutinho engendra um raciocínio que apresenta a tradução como um tema para o filme *Le mépris*, um problema para os personagens, mas também o princípio organizador dessa obra de Godard. Isso porque a discussão de como deve ser ou o que deve obedecer uma adaptação passa a ser o principal assunto do filme de Godard.

No capítulo *Alphaville*, Coutinho demonstra-nos como Godard reproduz em seu filme conceitos que estavam sendo traduzidos ou criados mais ou menos naquele momento da realização de *Alphaville*, na França. Assim, encontramos, como nos indica o ensaísta, a ideia

de que diante da tradição e de outros textos, usados necessariamente em qualquer obra literária, a relação desta com as que a antecedem só pode ser de respeito, modificação ou mudança radical.

Ao discutir as obras de Jean-Luc Godard em uma ordem cronológica Mário Coutinho nos expõe, além do raciocínio central de seu livro – como Godard fez cinema e, concomitantemente, literatura - a ideia de um amadurecimento do projeto godardiano. Isso porque em *Pierrot le fou* (O demônio das onze horas) o ensaísta defende que Godard, no filme *Pierrot le fou*, busca a palavra de seu tempo, que pode ser palavra, música, discurso, frase, ou seja, nessa obra o cinema como linguagem está onipresente. Jean-Luc Godard faz poesia cinematográfica e aproxima-se, nesse filme, de Arthur Rimbaud.

O livro de Mário Coutinho insere-se, assim, no cenário acadêmico, mas também no de crítica cinematográfica ao apresentar uma discussão instigante: a profundidade que a obra cinematográfica de Godard promove na interface cinema/literatura. O crítico chega mesmo a acenar em seu livro para a invenção de uma nova modalidade de arte que tem como ferramenta a palavra, mas que usa os recursos da imagem.

Coutinho traz assim uma pesquisa, além de inovadora no método de abordagem do problema, esclarecedora dos novos caminhos que a arte moderna tem percorrido. Além de nos inserir no projeto godardiano, levando-nos a entender e apreciar a genialidade desse cineasta que marcou a história do cinema mundial. Os estudiosos de cinema e literatura têm em *Escrever com a câmera: a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard* uma importante referência nas discussões sobre interfaces referentes ao campo artístico. Assim como, os estudiosos da linguagem têm, nesse livro, contato com um trabalho autoral sobre teoria literária; e os professores de linguagem têm uma fonte de inspiração para suas aulas.

Danielle Ferreira Costa

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET/MG.
E-mail: danyjulykao@yahoo.com.br